



**13<sup>a</sup>**  
**REUNIÃO REGIONAL**  
**SUDESTE**  
**ANPEd**  
EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, LAICA E  
GRATUITA: POLÍTICAS E RESISTÊNCIAS

2708 - Trabalho Completo - 13a Reunião Científica Regional da ANPEd-Sudeste (2018)  
GT 02 - História da Educação

Controles do corpo no início da Modernidade: vigilância e disciplina  
Marcos Roberto de Faria - Universidade Federal de Alfenas

**Controles do corpo no início da Modernidade: vigilância e disciplina**

**Resumo:**

O texto que se segue apresenta uma proposta de estudo referente às práticas educativas no início da Modernidade. O recorte cronológico é determinado por vários instrumentos de “ordenação” usados pela Igreja Católica para “colocar tudo em ordem”. Dentre eles, estava o fortalecimento da *vigilância* que a Igreja Contrarreformista evidenciou por meio das ordens religiosas do período. Por conseguinte, tratar dessa *vigilância* é fundamental para se evidenciar a crise que se instalou na relação entre religião, poder e relações sociais nos séculos XVI e XVII. Por isso, o texto irá discutir algumas questões que são importantes para se conhecer as ordenações dispostas pela “pedagogia da vigilância” católica neste período, procurando destacar alguns elementos gerais a respeito do controle da religião sobre o corpo. Vemos nesse tema uma possibilidade de trazer ao leitor uma ideia a respeito dos modos usados pela Igreja contrarreformista para “vigiar” e “disciplinar” o indivíduo e suas relações sociais. Defendemos, por fim, a tese do acirramento da ortodoxia e da “pedagogia da vigilância” no início da Modernidade.

**Palavras-chave:** História da Educação na Modernidade; Educação do corpo; Disciplina.

## Controles do corpo no início da Modernidade: vigilância e disciplina

### 1. Resumo

O texto que se segue apresenta uma proposta de estudo referente às práticas educativas no início da Modernidade. O recorte cronológico é determinado por vários instrumentos de “ordenação” usados pela Igreja Católica para “colocar tudo em ordem”. Dentre eles, estava o fortalecimento da *vigilância* que a Igreja Contrarreformista evidenciou por meio das ordens religiosas do período. Por conseguinte, tratar dessa *vigilância* é fundamental para se evidenciar a crise que se instalou na relação entre religião, poder e relações sociais nos séculos XVI e XVII. Por isso, o texto irá discutir algumas questões que são importantes para se conhecer as ordenações dispostas pela “pedagogia da vigilância” católica neste período, procurando destacar alguns elementos gerais a respeito do controle da religião sobre o corpo. Vemos nesse tema uma possibilidade de trazer ao leitor uma ideia a respeito dos modos usados pela Igreja contrarreformista para “vigiar” e “disciplinar” o indivíduo e suas relações sociais. Defendemos, por fim, a tese do acirramento da ortodoxia e da “pedagogia da vigilância” no início da Modernidade.

**Palavras-chave:** História da Educação na Modernidade; Educação do corpo; Disciplina.

### 2. Apresentação e desenvolvimento do tema

Certamente é possível afirmar que os séculos XVI e XVII são marcados por uma crise que se instalou na relação entre religião, poder e relações sociais. Como consequência, pode-se dizer que a Igreja Católica lança mão de vários instrumentos de “ordenação”, usados para “colocar tudo em ordem”<sup>1</sup>. Dentre esses instrumentos, estava um intenso movimento de organização das práticas dos indivíduos deste período. Nesse texto, tal movimento de organização é demonstrado por meio das instruções que determinavam o controle sobre o corpo no início da Modernidade. A temática do texto está circunscrita nessa ambiência de controle do corpo, com o intuito de extrair daí elementos que nos proporcione um aprofundamento a respeito das convenções educativas do advento da Modernidade.

Como já disse Michel de Certeau, em história, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em “documentos” certos objetos distribuídos de outra maneira (1982, p. 81). Para o autor, quando se é historiador, que fazer senão desafiar o acaso, propor razões, compreender? Mas compreender não é fugir para a ideologia, nem dar um pseudônimo ao que permanece oculto. É encontrar na própria informação histórica o que a tornará pensável (CERTEAU, 1982, p. 123). Assim, para o autor, a religião é progressivamente dirigida, durante o decorrer do século XVII, para o terreno da prática. Entre os jesuítas, a religião visa a introduzir o cristão nas leis da moralidade pública. “O lugar decisivo, doravante são os costumes mais do que a fé”, portanto. Outro fenômeno é a nova função que o saber adquire na instauração de uma ordem, servida – e ao mesmo tempo justificada – pela cruzada pedagógica da Igreja. De acordo com o autor, as grandes campanhas escolares e missionárias da Igreja, durante o século XVII, são bem conhecidas: visam especialmente às “regiões” geográficas, sociais ou culturais deixadas sem cultivo até então. “Uma unidade nacional é então promovida e delimitada pela aquisição, inicialmente catequética, do conhecimento. O ‘resto’ será rejeitado para o folclore ou eliminado” (CERTEAU, 1982, pp. 135-6).

Nessa direção, cabe perguntar: como se dava a vigilância e o controle sobre a “vida privada” e sobre a sociabilidade nos séculos XVI e XVII? Referindo-se a este período, Vigarello (2008), afirma que havia um intenso trabalho da modernidade sobre as fronteiras do si mesmo, sobre as pulsões e os desejos: controle da polidez e da sociabilidade, polimento das violências, autovigilância dos gestos no universo do íntimo. A compostura cotidiana, as maneiras, a sexualidade, os jogos, o espaço próximo, tudo isto se transformou (VIGARELLO, 2008).

Gélis (2008) concordou com essa tese, destacando o papel da Igreja da Contrarreforma, que, segundo ele, reforçou a desconfiança que o magistério já havia manifestado nos séculos medievais a respeito do corpo, “esta abominável veste da alma”. Corpo depreciado do ser humano pecador, pois se ouvia incessantemente dizer que era pelo corpo que ele corria o risco de perder-se. O pecado e o medo, o medo do corpo, principalmente o medo do corpo da mulher, retornaram como uma ladainha sob forma de precauções ou de condenações (GÉLIS, 2008).

Um exemplo interessante para pensar a questão do corpo é a postura da Igreja da Contrarreforma com relação às relíquias. Compreendo que tratar deste tema é fundamental para construir uma *concepção católica do corpo*, em contraposição à concepção protestante. Ou seja, qual a relação que o catolicismo deste período tinha para com o corpo do santo? Por outro lado, qual a relação que as doutrinas evidenciadas pela Contrarreforma propunham para com o “corpo pecador” dos que ainda “peregrinavam” neste mundo? Percebendo-se esta dualidade, certamente compreendem-se melhor as determinações disciplinares presentes nas doutrinas, nos códigos pedagógicos e nos decretos que orientavam as práticas dos sujeitos que faziam a história deste período.

Nessa direção, cabe destacar que, por ocasião da abertura dos túmulos, do traslado ou elevação das relíquias do santo ao altar, a Igreja organizava grandes cerimônias cheias de solenidade. O traslado das relíquias era uma

prerrogativa episcopal, amplamente usada pelos preladados no curso dos séculos XVI e XVII. Constituía, de fato, um argumento de peso na obra de reconquista das populações em face da heresia. Naturalmente, dá-se a este evento um caráter teatral, com a pompa necessária para reunir a multidão. Assim,

Se a Contrarreforma sabe de fato utilizar essas vastas aglomerações, destinadas a manter as populações na verdadeira fé, uma grande mudança intervém na relação que existia antes entre o fiel e as relíquias de santos locais. Até então, essa relação era quase carnal. Para garantir-se a proteção ou a cura, a pessoa tocava e beijava as relíquias, ou até as levava consigo em certas circunstâncias. Depois de um acidente que fazia temer pela vida, os preciosos restos eram colocados sobre o corpo daquela ou daquele que esperava a recuperação de sua saúde (GÉLIS, 2008, p. 100).

As relíquias privadas não eram, portanto, raras e circulavam entre a população. Como era comum que as pessoas as levassem sobre seu corpo, a *Reforma católica achou que devia restringir este corpo-a-corpo suspeito* “esta perigosa confusão entre práticas mágicas e ritos sagrados”. Assim, a Contrarreforma afastou as relíquias da gente comum e elas deixaram de ser “jóias nas mãos do povo”. De lícita, a prática de conservar relíquias em casas particulares tornou-se condenável e foi preciso, então, dissimulá-la. Nos locais públicos de culto, as relíquias foram, daí em diante, encerradas em relicários fechados. Não foi mais possível ter contato direto com elas: *as pessoas deviam contentar-se em vê-las a distância*, através do vidro que as protegia dos gestos audaciosos dos fiéis (GÉLIS, 2008, pp. 106-7).

A fim de ampliar a discussão a respeito da concepção católica do corpo, contudo, é necessário frisar que *o Corpo de Cristo* está no centro da mensagem cristã e o cristianismo é a religião na qual Deus se inscreveu na história tomando forma humana: a religião do Deus encarnado. Discutindo essa questão, Certeau (1987) afirmou que a pergunta “o que é o corpo?” atormenta o discurso místico desde o fim da Idade Média. De acordo com o autor, o cristianismo foi instituído sob a “perda de um corpo, o corpo de Jesus”. E a pergunta feita por Maria Madalena diante do túmulo vazio – “onde o colocaram?” – organizava o discurso apostólico, de modo que os que criam continuavam perguntando: “onde estás?” – e, de século em século, perguntavam à história que passava: “onde o colocaram?” (CERTEAU, 1987, pp. 125-8).

Para Certeau, nos séculos XVI e XVII, a oposição entre o corpo “político” e o corpo “místico” da Igreja, já perceptível ao fim da Idade Média, reforçou-se. A oposição atravessou também os ambientes católicos, marcados pela apologética antiprotestante – que ora privilegiava o caráter externo e visível da Igreja, ora procurava no “espiritualismo” um contraponto à politização do Estado ou do mundo. Assim, no século XVII, a “venerável palavra” “contemplativo” ou “spiritual” aparece sempre em numerosos títulos:

Jardim des Contemplatifs (1605), Philosophie des Contemplatifs (1618), De contemplatione divina (1620), Vie della contemplazione (1626), Tratado de vida contemplativa (1627), Sospiri profondi dell’anima contemplativa (1651), Les Contemplations (1654), Tractatus brevis de vita contemplativa (1663), ecc (CERTEAU, 1987, p. 142).

A persistência do “espiritual”, que reportava a São Paulo, era, então, ainda mais fortemente manifesta (CERTEAU, 1987, p. 142).

Junto a essa prevalência do espiritual, o cristocentrismo que apareceu na Idade Média foi acentuado pelos padres conciliares reunidos em Trento, quando colocaram Cristo no centro da pastoral da salvação, conferindo a cada etapa de sua vida na Terra, principalmente à sua paixão, uma dimensão cultural essencial. Assim, muito se escreveu nos séculos XVI e XVII sobre os instrumentos da paixão. Mas o tema era igualmente muito ilustrado, pois o objetivo era colocar em cheio aos olhos dos fiéis as imagens de uma devoção orientada para o culto do corpo sofredor: no caminho, mas também em casa ou no santuário, a lembrança dos sofrimentos de Cristo estava por toda a parte: a coroa de espinhos que foi enterrada no crânio, os pregos que furaram a carne das palmas das mãos e dos pés... *Essa multiplicação exacerbada dos sinais da paixão talvez tenha sido uma das mais belas vitórias da Contrarreforma, uma vez que nada escapou de sua representação e de sua simbólica* (GÉLIS, 2008, pp. 23-28 – grifos meus).

Junto ao tema da paixão de Cristo, a aspiração ao martírio continuava forte entre os cristãos no tempo da Contrarreforma. Para todos aqueles que procuravam assemelhar-se ao Cristo das dores para partilhar seus tormentos, o corpo era, ao mesmo tempo, o maior obstáculo, o maior inimigo e o meio de acompanhar o Redentor: “o corpo que é preciso vencer”. Na verdade, para todos aqueles que sonham aviltar sua carcaça humana, o corpo não passava de um “oceano de miséria”: o corpo imundo, receptáculo dos vícios. “Eu não sou mais do que um estreme; devo pedir a Nosso Senhor que na minha morte meu corpo seja jogado no lixo para que seja devorado pelas aves e cães. (...) Não é isso que devo desejar como castigo dos meus pecados?”, clamava Inácio de Loyola. A imagem, tão espalhada no século XVII, do “homem de bem, Jô”, coberto de chagas infectas e fedorentas, humilhado em seu monturo, traduz bem tudo o que este “saco de imundícies” que era o corpo podia inspirar aos místicos. Uma atitude como esta em relação ao corpo ia de par com a condenação das doçuras e prazeres da vida. Aliás, esta atitude não era outra coisa senão uma morte camuflada. A morte já estava na vida (GÉLIS, 2008, pp. 53-5).

O corpo deveria, portanto, ser constantemente vigiado e disciplinado. Dormir no chão duro da cela, “como verdadeiro penitente”, vestir uma roupa de tecido grosseiro, rugosa e remendada, acrescentar a ela um ou dois cilícios

que corroem a carne, levantar-se de noite para aplicar-se a disciplina com chibata ou com açoite são vias ordinárias pelas quais eles pretendiam superar os desvios do corpo (GÉLIS, 2008, p. 60-1). Estas práticas estavam, por assim dizer, bastante próximas ao que Inácio aplicava ao seu próprio corpo e ao que se praticava nas Casas jesuíticas espalhadas pelo mundo nesse período.

Para castigar o corpo que ardia, extinguir o fogo da concupiscência, vencer a carne que se abrasava, muitas vezes não havia outro recurso senão a imersão na água fria; só ela podia extinguir o incêndio que ameaçava destruir a pessoa. Por ocasião de sua estada em Paris, em meados do século XVI, Inácio de Loyola mergulhou numa água gelada com a intenção de mortificar não a sua própria carne, mas a de um devasso com o qual havia cruzado no caminho. E proclamou em alto e bom som que ficaria lá até que este pecador impenitente renunciasse à sua paixão criminosa (GÉLIS, 2008, p. 62).

Somado a esse espírito dos que “suportam o insuportável” e essas tentativas de ordenamento das práticas religiosas e de disciplina do corpo, os anseios religiosos do século XVI conviveram com o reforço da “*Devotio moderna*”<sup>ii</sup> que se encontrava dentro de um amplo movimento de *Reforma* entre o final da Idade Média e o início da Idade Moderna. Este movimento impulsionaria o surgimento de novas ordens e congregações (como os jesuítas). A “*Devotio*” pode ser encarada como uma reação ao pessimismo que acompanhou o século XIV (Peste Negra e Cisma do Ocidente). Com ênfase na espiritualidade prática, numa liturgia sem fausto e na volta às fontes cristãs, a “*Devotio*” era o mais influente movimento espiritual na Igreja do final da Idade Média (KARNAL, 1998, p. 46).

A *Imitação de Cristo*, de Tomás de Kempis<sup>iii</sup>, era um dos textos preferidos de Loyola e uma das fontes fundamentais para a *Devotio moderna*, inspiradora dos jesuítas. A *Imitação de Cristo* enfatizava a vida prática. O texto da *Imitação* destacava que “certamente, no dia do juízo não se nos perguntará o que lemos, mas o que fizemos; nem quão bem temos falado, mas quão honestamente temos vivido” (KEMPIS, 2003, p. 16). O texto aconselhava a que se evitasse a “excessiva familiaridade” com outras pessoas: “Julgamos, às vezes, agradar aos outros com a nossa intimidade, mas antes os aborrecemos com os defeitos que em nós vão descobrindo” (KEMPIS, 2003, p. 20). Para o autor da *Imitação*, “grande coisa é viver na obediência, sob a direção de um superior e não dispor da própria vontade” (KEMPIS, 2003, p. 20).

Um pouco mais adiante, o autor deixava ainda mais clara a radicalidade e o aspecto prático de sua orientação religiosa. Para ele, “convém fazer-te louco por amor de Cristo, se quiseres seguir a vida religiosa”. Por conseguinte, segundo o autor, “de pouca monta são o hábito e a tonsura: são a mudança dos costumes e a perfeita mortificação das paixões que fazem o verdadeiro religioso” (KEMPIS, 2003, p. 28).

A meu ver, essa *inspiração prática*, no sentido de ser útil à Igreja, disposta pela *Devotio*, orientou a vida do missionário jesuíta nessa época da história da Igreja, na qual dogmas eram confrontados e a Igreja reafirmava seu papel repressor a práticas não ortodoxas. Assim, a Igreja realizava a campanha contrarreformista de conversão e outorgava-se o papel de guardiã da “verdadeira fé”. É possível ver aqui um dos pontos que inspiraram a organização da Companhia de Jesus nesse período<sup>iv</sup>. Assim como um “corpo” funcionando em harmonia, os membros da Ordem também necessitavam se enquadrar na hierarquia, na qual cada um fazia a sua parte e obedecia ao seu superior.

Por fim, o que foi discutido a respeito da postura da Igreja da Contrarreforma com relação ao corpo e às práticas pessoais ou sociais dos indivíduos neste período, é fundamental para se pensar o processo “civilizador” que o catolicismo pôs em cena nos séculos XVI e XVII, por meio de uma “pedagogia da vigilância”. Tal processo tomou o corpo humano como lugar de expiação. Por conta disso, certamente é possível afirmar que a chamada campanha pedagógica contrarreformista encontrou nessa empreitada, o meio pelo qual se poderia alcançar a evangelização e a catequização dos povos e, por consequência, a civilização dos considerados gentios ou indóceis, de acordo com as novas convenções que a Modernidade pôs em cena.

### 3. Referências bibliográficas

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

\_\_\_\_\_. *Fabula mística: La spiritualità religiosa tra il XVI e il XVII secolo*. Bologna: Il Mulino, 1987.

GÉLIS, Jacques. “O corpo, a Igreja e o Sagrado”. In: VIGARELLO, Georges (Dir.). *História do corpo: da Renascença às Luzes*. Petrópolis: Vozes, 2008.

HANSEN, João Adolfo. *A sátira e o engenheiro*. Gregório de Matos e a Bahia do século XVII. 2. ed. rev. São Paulo/Campinas: Ateliê Editorial/Editora da Unicamp, 2004.

KARNAL, Leandro. *Teatro da fé: representação religiosa no Brasil e no México do século XVI*. São Paulo: Editora Hucitec/História Social/USP, 1998.

KEMPIS, Tomás de. *Imitação de Cristo*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2003.

VIGARELLO, Georges. Introdução. In: \_\_\_\_\_. *História do corpo: da Renascença às Luzes*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 15-18.

[i](#) Para Hansen, “ordem” é um conceito teológico-político que regula virtude e vício ( *Cf.* HANSEN, 2004, p. 26). É nesse sentido que esse conceito deve ser tomado aqui.

[ii](#) “A chamada ‘Devotio moderna’ tem as raízes mais profundas na região flamenga, especialmente entre os chamados ‘irmãos de vida comum’, aprovados como congregação em 1395. Deste grupo saiu Tomás de Kempis, possivelmente o autor da obra básica desta postura, *Imitação de Cristo*” (KARNAL, 1998, p. 46 – nota).

[iii](#) Tomás de Kempis nasceu em 1380, na Alemanha. Foi monge agostiniano e viveu no Mosteiro de Santa Ana, tendo recebido as ordens sacras em 1412. Foi mestre de noviços, e dessa experiência nasceu a obra *Imitação de Cristo*. Morreu em 1471, aos 91 anos de idade.

[iv](#) Recordo aqui o já citado trecho no qual Certeau destacou que a religião foi progressivamente dirigida, durante o decorrer do século XVII, para o terreno da prática. Assim, entre os jesuítas, a religião visava a introduzir o cristão nas leis da moralidade pública. Para o autor, “o lugar decisivo, doravante são os costumes mais do que a fé” (CERTEAU, 1982, p. 135).